



PROCESSOS DE ESCRITA E ASPECTOS ENVOLTOS À LINGUAGEM

Prof.Dr.Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti (Ifal)¹

Este texto de abertura de nosso componente curricular tem o objetivo de fazer com que possamos, juntos/as, refletir sobre o papel que a escrita exerce no nosso dia a dia, mas, ao mesmo tempo, possibilitar uma discussão a respeito dos entraves que muitos/as têm para o exercício de tal prática de modo desenvolto. Isso desde gêneros mais simples aos mais complexos.

Bem sabemos que, no âmbito da formação docente, os processos de leitura e de escrita estarão presentes em todo o percurso formativo, especialmente, porque não se pode “acreditar” que se formam leitores/as sem que, antes de tudo, sejamos um/a leitor/a. Concordam?

Os números sobre o desempenho em leitura de estudantes da educação básica no Brasil se apresentam preocupantes. Há estudos e pesquisas que enfocam, diretamente, entraves que impossibilitam o desenvolvimento em realidades escolares, especialmente, na educação pública brasileira. A divulgação de dados oriundos de um estudo amplo, denominado “Retratos da Leitura no Brasil”², pode nos fazer entrar em contato com tais índices de desempenho, mas também pensar sobre o comportamento de leitores/as brasileiros. Ademais, pode-se refletir sobre as políticas empreendidas para o desenvolvimento de práticas leitoras nas diversas realidades.

Ante isso, essa contextualização nos serve para iniciarmos o nosso momento interativo para fazer com que possamos trazer pontos ligados a aspectos de língua(gem) e, por extensão, subsidiar mecanismos para se (re)pensarem acerca de posturas e processos que envolvem o ensino de língua portuguesa na escola básica; além de lhes possibilitar um olhar mais acurado a respeito de gêneros textuais-discursivos com os quais irão lidar ao longo de suas trajetórias acadêmico-profissionais.

1- Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas (Ifal), atuando no Campus Maceió. Doutor e pós-doutor em Linguística. Professor EBTT de Língua Portuguesa; e atua como Docente Permanente no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT/Ifal), Campus Benedito Bentes. E-mail: ricardo.cavalcanti@ifal.edu.br

2- Estudo difundido pelo Instituto Pró-Livro, cuja 5ª edição, publicada em 2019, pode ser acessada por meio do link: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>





Portanto, ideias e conceitos ligados às noções de: 1) textualidade (textos), parâmetros de textualidade (entre eles, a coesão e a coerência textuais); 2) esferas de atuação humana (onde esses textos circulam e a que/quem servem); 3) tipologias textuais (especialmente, a narração e a argumentação), entre outros aspectos que são englobados nesse mesmo mote de estudos.

PARA COMEÇO DE CONVERSA: MAS, AFINAL, O QUE É UM TEXTO?

Não confundamos, em primeira instância, que uma sequência de frases soltas, sem articulação entre as partes, pode ser nomeada como um **texto**. Um texto é uma unidade de sentido na qual se estabelecem conexões entre elementos internos (microestruturais) e elementos externos (macroestruturais), que, neste caso, contam com os conhecimentos prévios por parte dos/as leitores/as. Costumamos dizer que o **texto** é uma unidade de sentido que assume uma relação cooperativa entre quem escreve e com quem o ler, e vice-versa.



Para Koch (2009; 2010), **texto** é o produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo/a leitor/ouvinte. Já para Halliday e Hasan (1976 [2001]), é uma unidade de sentido, concretizado por frases, ou codificado em frases. Bakhtin (2000), por seu turno, dispõe que o **texto** é a expressão de uma consciência que reflete algo; por meio do reflexo do outro, chega-se ao objeto refletido. Ainda nessa direção, Beaugrande (1997) concebe o **texto** como um evento comunicativo em que ações linguísticas, cognitivas e sociais se convergem. Com sinalizado anteriormente, embora alguns termos nos conceitos apresentados pelos autores possam parecer distintos, em muito, eles convergem ao entendimento de que **texto** é uma atividade comunicacional, interacional, que parte de um sujeito sociohistoricamente situado a outro/outrem, cujo objetivo central é a inter-ação (aquilo que pode ser mediado entre mim e o outro).





No processo de produção textual, independentemente do gênero eleito, há de se pensar nos seguintes questionamentos: Quais os objetivos do meu **texto**? De que assunto trato nele? O gênero escolhido está adequado àquilo que pretendo atingir como objetivo (propósito comunicativo)? Quem é o/a meu/minha leitor/a potencial? Que tipo de linguagem devo utilizar para atingir esse objetivo/propósito? O nível de linguagem está adequado a tal finalidade? No meu **texto**, posso apresentar uma escrita mais pautada na subjetividade ou na impessoalidade, a considerar a esfera de circulação do meu **texto**? Quais são as condições práticas envolvidas no processo de escrita: tempo, formato, forma de apresentação etc? Que nível de linguagem deve ser utilizado para atender aos critérios esperados na instância de circulação?

Noutros termos, a partir desses questionamentos, entende-se que deve-se elaborar um esquema mental para que se empenhe consistentemente na elaboração de um gênero textual-discursivo, sobretudo, em esferas de circulação mais formais, isto é, mais rígidas, como, por exemplo, é o caso do meio acadêmico.

Costa Val (2004) e Marcuschi (2008) descrevem tais fatores, que intentamos trazê-los, de forma esquemática, como fatores pragmáticos e linguísticos da textualidade, ou seja, o que linguistas textuais chamam de Parâmetros da Textualidade. Vejamos:

Informatividade - corresponde ao grau de expectativa e de conhecimento do texto oferecido. O grau de informatividade será determinado pela suficiência de dados no texto, como também pelo grau de previsibilidade nas ocorrências no plano conceitual e no formal.

Aceitabilidade - é inerente ao receptor, que recebe o texto com uma configuração aceitável e avalia o grau de coerência, coesão, utilidade e relevância do texto capaz de levá-lo a alargar os seus conhecimentos ou de aceitar a intenção do produtor.

Situacionalidade - é responsável pela adequação do texto ao contexto sociocomunicativo. “A situacionalidade não só serve para interpretar e relacionar o texto ao seu contexto interpretativo, mas também para orientar a própria produção.” (Marcuschi, 2008, p. 128).





Intertextualidade - mostra a interdependência dos textos entresi, tendo em vista que um texto só faz sentido quando é entendido em relação a outro texto. Este fator “tratao texto como uma comunhão de discursos e não como algo isolado.” (Marcuschi, 2008, p. 132).

Intencionalidade - considera a intenção do interlocutor, ou seja, aquilo pretendido no momento em que enuncia.

Coesão - refere-se ao modo como as palavras estão ligadas entre si dentro de uma sequência. A coesão é responsável pela ligação dos sentidos isolados para evidenciar a estruturação da sequência superficial do texto, não perdendo de vista o todo e a intenção com que se produz esse todo, para constituir finalmente um texto. Manifesta-se microtextualmente.

Coerência - é resultado da não contradição entre as partes do texto e do texto com relação ao mundo. Caracteriza-se como nível de conexão conceituale estruturação dos sentidos. Manifesta-se macrotextualmente.



TROCANDO IDEIAS:



Microtextualmente: é o conjunto formado pelas frases que integram a superfície textual linear.

Macrotextualmente: é uma representação abstrata da estrutura global de significado de um texto. É justamente ao nível macroestrutural que se coloca o problema da coerência global de um texto. Tais elementos dependem de um conhecimento prévio por parte do leitor/escritor, que também pode ser nomeado de conhecimento enciclopédico ou de mundo.

Compete dizer que, convencionalmente, a coesão e a coerência são tratadas, no que tangem aos parâmetros, como similares, no entanto, guardam diferenças, embora se inter-relacionem, pois, a primeira está mais ligada a aspectos linguístico-textual enquanto que a segunda se volta mais a parte de compreensão genérica do texto/discurso. Portanto, é possível termos textos que apresentam coerência sem que tenham mecanismos de coesão (isso acontece muito em textos de teor poético, na esfera literária, por exemplo) e, por outro lado, termos um texto “recheado” de mecanismos de coesão, mas estarem dispostos inadequadamente, promovendo uma relação de incoerência ao todo. Ou seja, retomamos, com isso, o **texto, de fato, como uma unidade de sentido.**





Outro aspecto a considerar em processos de produção textual diz respeito à leitura, como vimos a chamar já a atenção. Escrita e leitura, em contextos formais de ensino-aprendizagem, são tidas como atividades indissociáveis, que estão numa relação intimamente de interdependência. Nesse sentido, a reflexão faz parte dos processos de leitura e de escrita, tanto na condição de leitor – pensando sobre os elementos dispostos pelo/a escritor/a do texto acessado – quanto na condição de escritor – pensando sobre a necessária relação cooperativa que se precisa ter para dispor forma e mecanismos que possam servir para o estabelecimento do encontro e da interação com o seu/a sua potencial leitor/a.

É bem verdade que a leitura subsidia processos de escrita mais fluidos. Obviamente, há de se chamar a atenção, neste caso, para a variedades de leitura a ser estabelecida, com gêneros textuais-discursivos diversificados, cujos propósitos são igualmente diversos e amplos. Cabe considera, ainda nesse mesmo sentido, que aspectos envoltos aos sentimentos, ao conhecimento de mundo, às ideologias, às convicções políticas, às emoções etc, são também condicionantes a um maior envolvimento dentre as partes envolvidas no processo, ou seja, essa relação estabelecida, desde o primeiro momento, entre sujeito-leitor e sujeito-autor.

Fatores sociais e culturais também podem entrar em jogo em meio aos processos de escolha no ato de escrita, que, em muito, contribuem para que o/a leitor/a atento/a, inclusive, consiga reconhecer, por conta do estilo utilizado, com razoável recorrência pelo/a escritor/a, sem que seu nome seja veiculado, quem é o/a autor/a daquele manuscrito. Na relação cooperativa a que nos referimos anteriormente, vale dizer que a compreensão é um processo que envolve medidas de atenção nos processos, uma vez que, quando o texto não atende ao interesse do/a leitor/a, este/a tende a abandoná-lo.

Convém dizer, ainda, que, embora existam gêneros textuais considerados mais formais (rígidos), ou seja, como uma estrutura prototípica a ser atendida, dado o propósito comunicativo de circulação, alguns/mas escritores/as, por conta de suas marcas estilísticas, tendem a imprimir um estilo com razoável subjetividade nos seus escritos. Há de se perceber, nesse âmbito, se tal “desvirtuamento” é aceito pela comunidade linguística na qual o texto se materializará, far-se-á presente.

Em se tratando mais especificamente do meio, da esfera acadêmico-científica, cabe destacar que a argumentação, como atividade de linguagem, é uma das ações mais requeridas no desenvolvimento de práticas de linguagem, tanto nas modalidades escrita quanto oral. A argumentação, nesse caso, não é vista apenas como uma sequência tipológica, mas como uma ação que, por meio da necessária mediação entre mim e o outro, faz com que este seja





tocado – persuadido/convencido.

A argumentação, seguindo princípios da Retórica Clássica, não somente é uma ação a ser empreendida em nossas práticas de sala de aula, ao expormos e dialogarmos com base no contexto, mas também um empreendimento ao possibilitarmos o contato com estratégias que elevam os processos argumentativos de escrita e de oralidade (Cavalcanti, 2016). Tal mote se figura como uma prática de ensino-aprendizagem, como se fazia na Grécia Antiga, tendo em Aristóteles e nos sofistas a sua base, e mais recentemente pela necessidade de nos contrapormos a pontos de vistas que são apresentados em cadeias argumentativas que não possuem fundamento em dados reais e que, por isso, nos permitem adotar posturas, inclusive, de combate às fake news, que, constantemente, essas falsas notícias tendem a nos persuadir em relação a uma “verdade” pautada em um lado, cujos argumentos não se alicerçam no campo do real.

A forma como elegemos a argumentação é essencial para que o texto (escrito e/ou oral) possa cumprir o seu objetivo no sentido de fazer com que o/a leitor/a ou interlocutor/a possa se envolver com aquilo que está sendo lido ou proferido. Para tanto, cabe destacar o uso de estratégias argumentativas para uma melhor argumentação, tais como: i) argumentos pautados em autoridades da área; ii) dados estatísticos; iii) citações, que envolvem nomes de especialistas, e/ou com debates gerados em dadas situações comunicativo-discursivas; iv) uso de conectores adequadamente, tentando-se estabelecer a relação sintático-semântica oportuna entre os períodos; v) uso de marcadores argumentativos de retomada, como uma forma de coesão referencial, possibilitando uma progressividade textual no plano da argumentação; entre outras.

No próximo tópico de discussão, além de nos atermos à dimensão conceitual a respeito de gêneros textuais, daremos especial relevo a um material que enfoca aspectos específicos sobre a argumentação e como, a partir disso, podem-se elaborar textos mais interativos, coesos e coerentes, além de consistentemente mais argumentativos. Costumo dizer que: “escrever bem não se restringe a algumas pessoas, uma vez que não é um dom; a escrita deve ser concebida como um princípio democrático, de modo a se voltar a todos/as aqueles/as que a percebem como uma técnica e que, para o seu desenvolvimento, carece de práticas constantes.” Imbuídos/as nisso, sigamos!

Vamos ampliar esse entendimento nos espaços destinados às interações?!





Referências

BAKHTIN, Mikail. **Estética da criação verbal**. Trad. M. E. Galvão Gomes. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BEAUGRANDE, Robert-Alain de. **New foundations for a science of text and discourse**: cognition, communication, and the freedom of access do knowledge and society. Norwood: Ablex publishing corporation, 1997.

CAVALCANTI, Ricardo Jorge de Sousa. **Análise textual-argumentativa de processos de retextualização**: um cotejo entre a produção oral e escrita de alunos do curso médio técnico e alunos do proeja ensino médio. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, 2016.

COSTA VAL, Maria da Graça. Texto, textualidade e textualização. *In*: CECCANTINI, João L. T.; PEREIRA, Rony Farto (org.) **Pedagogia cidadã**: cadernos de formação: Língua Portuguesa. S. Paulo: UNESP-Pró-Reitoria de Graduação, 2004.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, Ruqaiya. **Cohesion in English**. London, Longman, 1976 [1991].

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

